



## **II CONGRESSO INTERNACIONAL – LÍNGUAS, CULTURAS E LITERATURAS EM DIÁLOGO: IDENTIDADES SILENCIADAS**

**Universidade de Brasília – 16 a 18 de agosto de 2018**

### **RESUMOS QUE COMPÕEM O SIMPÓSIO**

#### **18- A LITERATURA QUE DÁ VOZ: PERSEGUIDOS, RETORNADOS E MIGRANTES EM PORTUGAL**

Coordenadores:

Ana Belén García Benito-Universidad de Extremadura

E-mail: [agbenito@unex.es](mailto:agbenito@unex.es)

M<sup>a</sup> Jesús Fernández García-Universidad de Extremadura

E-mail: [mjesusfg@unex.es](mailto:mjesusfg@unex.es)

(Em ordem de apresentação)

TÍTULO DO TRABALHO: "André de Burgos e a literatura de cristãos novos no século XVI"

Autor: Juan M. Carrasco González (Universidad de Extremadura-España)

RESUMO:

O impressor espanhol André (ou Andrés) de Burgos, instalado na cidade de Évora em meados de Quinhentos, participou na difusão de obras escritas por cristãos novos ou por autores que, não sendo documentalmente identificados como cristãos novos, viveram nalguma situação de marginalidade. As obras, escritas a um lado e outro da fronteira em português ou em castelhano, viajavam entre os dois países e eram distribuídas nestes e noutros países da Europa graças a impressores como André de Burgos que necessariamente deviam estar ligados por aquela sociedade de cristãos novos e criptojudeus.

PALAVRAS-CHAVE: André de Burgos; literatura portuguesa; séc. XVI; cristãos novos

---

TÍTULO DO TRABALHO: "Um passeio de bicicleta: a bordo de *A Instrumentalina*, de Lídia Jorge"

Autor: Elisangela Aneli Ramos de Freitas (Universidade de São Paulo-Brasil)

RESUMO:

O Algarve, a casa do avô, as memórias da infância e da juventude. Pessoas que partem, filhos caçulas e seus instrumentos de devoção. Sobrinhas-filha revivendo todas estas lembranças, numa busca de (auto) entendimento. Todos estes elementos fazem parte do universo diegético do romance *A Manta do Soldado* de 1998, da autora portuguesa Lídia Jorge, mas igualmente são os componentes do conto *Ainstrumentalina*, cuja primeira publicação data de 1992 e é um dos contos de estreia da Lídia contista, na construção de uma narrativa que mostra, através das memórias pessoais da narradora, uma sociedade portuguesa rural e agonizante nos anos finais da ditadura de Salazar, diante das mudanças, ainda que tardias, de um Portugal arcaico. Sobre este momento histórico, a narradora em primeira pessoa diz: "Lembrava-me –indiferente então à mudança que corria nos países e nas terras, e à abertura das estradas que haveriam de mudar a cor das vidas, a grafonola da nossa casa constituía o invento mais recente" (JORGE, 2016). Em *A instrumentalina*, uma devotada bicicleta será a pedra de toque para a narradora começar a contar a sua história e de sua família, em especial de seu tio Fernando, que faz-se ausente na presença, diante do desejo de mudança que lhe é latente em oposição ao seu pai, homem de costumes arraigadamente arcaicos: e o objeto eleito pela autora para embarcar nesta viagem memorialística é a sua onírica bicicleta. O objetivo desta análise foi delinear a forma como a *Instrumentalina*, o meio de transporte de "quem uma vez percorreu os caminhos do paraíso, sentado num transporte de delícia, jamais pode esquecer a imagem do objeto condutor" (JORGE, 2016), constrói-se como símbolo neste conto, para falar da estagnação social vivida e experimentada em Portugal naquela época, ocasionando uma massiva migração, principalmente dos homens, enquanto as mulheres ficam, presas à casa e aos filhos. A autora faz questão de acentuar e trazer à luz a questão da emigração portuguesa nos anos finais da ditadura salazarista. Em seu livro *A ditadura de Salazar e a imigração*, Victor Pereira afirma que entre 1957 e 1974 mais de um milhão e meio de portugueses emigraram. Diante deste fato, e através dos hábitos e costumes desta casa habitada apenas por um velho, mulheres e crianças, temos a dimensão do que era Portugal naquela época. Enfim, concordamos com BRIDI (2005), que afirma que o paradigma da ficção de Lídia Jorge é mostrar o mundo visto a partir da margem, em que as personagens, descentradas (não no sentido psicológico, mas sociológico do termo), mostram um mundo que teima em não acabar.

PALAVRAS-CHAVE: migração portuguesa; *A Instrumentalina*; Lídia Jorge

---



TÍTULO DO TRABALHO: "As paisagens nostálgicas e o eterno retorno no poema *Súplica*, de Noémia de Sousa"

Autor: Sandra Fonseca Pinto, Carlete Maria Thomé (Universidade de Passo Fundo-Brasil)

RESUMO:

Esta pesquisa propõe-se a analisar as paisagens nostálgicas constituídas no poema *Súplica*, de Noémia de Sousa, para apontar como essas paisagens constituem o mito do eterno retorno. O objetivo é demonstrar como as paisagens percebidas no poema expressam a nostalgia presente na obra, configurando o mito do eterno retorno. Concebe-se que o sujeito apreende as paisagens por meio da fenomenologia, construindo um *pensamento-paisagem*, que leva à cena nostálgica. A nostalgia é um sentimento que plasma a melancolia do sujeito, que sofre por estar longe de casa, iludido por um retornar inexistente, caindo num círculo interminável do eterno retorno. Esta investigação utiliza aportes teóricos de Collot (2010, 2013) e Merleau-Ponty (1999, 2007), sobre a fenomenologia da paisagem e da percepção, Tuan (1980, 1983), sobre a noção de espaço, lugar e topofilia, Starobinski (1966), Jankélévitch (1974) e Vecchi (2017), sobre o conceito de nostalgia, Gusdorf (1980), Hesíodo (2007) e Eliade (1991, 2012), sobre o mito. O *corpus* de análise é um poema intitulado *Súplica*, da poeta moçambicana Noémia de Sousa. Essa escolha se deu pela forte presença de nostalgia nas paisagens percebidas nessa obra. Para se alcançar o objetivo esperado, serão apresentadas as paisagens de cada estrofe do poema, bem como os elementos nostálgicos presentes nos versos, que compõem o eterno retorno por meio da música citada na obra. Os resultados apontam para um eu lírico nostálgico, que busca, por meio da conservação da música, retornar ao seu lugar de origem.

PALAVRAS-CHAVE: fenomenologia da paisagem; nostalgia; mito; Noémia de Sousa.

---

TÍTULO DO TRABALHO: "A construção da memória do retorno em António Lobo Antunes"

Autor: Luciana Cristina Corrêa (Universidade Estadual Paulista-Brasil)

RESUMO:

O presente trabalho procura expor que, através da publicação do seu sétimo livro intitulado *As Naus* (1988), o escritor António Lobo Antunes destaca-se no cenário da literatura portuguesa contemporânea pelo fato da referida narrativa ser permeada de traços estilísticos que denotam um rompimento com os padrões convencionais do narrar. Podemos adiantar que os leitores da obra se deparam, em suas páginas, com a fusão entre o tempo histórico e o tempo narrativo, com a interpenetração entre ficção

e história e, sobremaneira, com a polifonia da voz narrativa que, mesmo na incumbência de retirar a aura mítica dos personagens históricos presentes no texto, apesar de elucidar um aparente inacabamento textual, deixa transparecer a ideia de linearidade, ainda que temática. Devemos destacar que, no referido trabalho, ocorre a recuperação do passado mediante o uso da alegoria, já que o livro propõe recontar a história dos retornados portugueses da Guerra Colonial, todavia, de forma paródica e, por vezes, inverossímil, como podemos observar na presença dos diversos personagens reconhecidamente históricos na narrativa contemporânea. Diante dessa premissa, pontuamos que a obra do autor português manifesta uma preocupação em recuperar, de forma particular e alegórica, a memória dos retornados à pátria portuguesa, na década de 70 do século XX.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Portuguesa; António Lobo Antunes; representação; memória; personagens; retornados.

---

**TÍTULO DO TRABALHO:** "Construções literárias sobre o retorno: consequências identitárias de uma deslocação histórica"

**Autor:** Luísa Leal (Universidad de Extremadura-España)

**RESUMO:**

Como é que três escritoras – Isabela Figueiredo (*Caderno de memórias coloniais*, 2009, obra com 5 edições e tradução recente para o inglês de Anna Klobuckae de Philip Rothwell), Dulce Maria Cardoso (*O retorno*, 2011, 9 edições), e Aida Gomes (*Os pretos de Pousaflores*, 2011) – representam, nos seus romances, uma questão de mobilidade forçada, a do “retorno”? Existe uma literatura portuguesa de retornados? Como se articulam memórias individuais e história? Quais as implicações de a focalização narrativa estar no feminino ou no masculino? Estas e outras questões decorrem do quadro histórico e teórico de representação em jogo nestes romances: o do Portugal colonial (memórias) e pós-colonial. Dentro deste quadro, a noção de “retorno” permite aprofundar a questão identitária e avançar algumas reflexões que se prendem com a subjetividade e a memória. Uma temática que pode situar-se dentro dos Estudos Pós-coloniais utiliza como base metodológica a narratologia e, através do estudo destas três formas romanescas, procura estabelecer uma relação de filiação com a narrativa feminina em língua portuguesa.

**PALAVRAS-CHAVE:** retornados; identidade; subjetividade; colonialismo; pós-colonialismo.

---



TÍTULO DO TRABALHO: "Fragmentos de quem retorna, uma leitura de *Cadernos de Memórias Coloniais*, de Isabela Figueiredo"

Autor: Natasha Magno Francisco dos Santos (Universidade Estadual de Campinas-Brasil)

RESUMO:

Esta comunicação visa a análise da obra autobiográfica e testemunhal “Caderno de memórias coloniais”, de Isabela Figueiredo, e pretende refletir sobre a questão da mobilidade e da viagem por uma perspectiva teórica pós-colonial. Tratar-se-á da análise da obra propondo com os conceitos atualmente predominante relacionado ao teor testemunhal, às escritas de si, à escrita pós-colonial e os limites da representação, principalmente formulados por Adorno, Walter Benjamin e pelos teóricos pós-coloniais, como Edward Said, HomiBhabha, Stuart Hall e Spivak. Na produção literária do pós-independência em Portugal e dos países africanos de língua portuguesa, é notável uma certa escassez de narrativas autobiográficas ou narrativas ficcionais baseadas nas memórias de mulheres que participaram de diferentes formas das atrocidades que envolveram o período colonial, desde as narrativas das antigas colônias que retornaram para Portugal, até as que ficaram e participaram da luta armada de independência ativamente ou não. Dentro deste contexto, a escrita testemunhal de Isabela Figueiredo é uma das poucas produções literárias sobre esse período e na presente comunicação se propõe também compreender a experiência de gênero, o silêncio na produção literária imposto às mulheres, o paradigma racial que envolvem os tantos testemunhos sobre período e as experiências pessoais e políticas dessas mulheres como fatores que contribuem para o paradigma do testemunho de um período traumático, marcado pela necessidade narrar/contar e, ao mesmo tempo, pela impossibilidade de falar de si. Em “Caderno de Memórias Coloniais”, Figueiredo mescla suas experiências pessoais escritas e a fotografias para mostrar como era o cotidiano de uma mulher antes, durante e depois da guerra colonial. O livro revela um universo individual da autora e – de certa maneira representativo de outras mulheres brancas –, que esperaram décadas para somente agora revelar suas experiências e seus testemunhos sobre suas memórias coloniais.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita de si; literatura dos retornados; escrita de si e gênero; literatura e mulheres; testemunho.

---

TÍTULO DO TRABALHO: "A crise de identidade em *O Retorno*"

Autor: Lucas Esperança da Costa (Universidade Federal de Juiz de Fora-Brasil)

RESUMO:

O objetivo desta comunicação visa analisar a crise de identidade gerada com o “retorno” da população portuguesa que ainda ocupava África, na segunda metade do século XX. O “retorno” de cerca de meio milhão de cidadãos às terras lusitanas proporcionou

problemas identitários, hostilidades e estigmas que ainda perduram no contexto histórico. Tema pouco explorado pela História portuguesa, essa população viu-se confinada em hotéis, casas de pensão e alojamentos e viveram durante um conturbado período de suas vidas sob o estigma de “Retornado”. Através desta perspectiva, o romance *O retorno*, da escritora Dulce Maria Cardoso, apresenta os conflitos gerados pela chegada dessas pessoas em Portugal. Com a perda dos territórios em África, esses “retornados” desembarcam e se deparam com um país que lhe recebeu agressivamente. Estigmatizados, hostilizados, longe do país ao qual mantinham laço afetuosos, sofreram com a perda de seus referenciais afetivos e culturais e buscaram, como muito sofrimento, encontrar ou construir uma nova identidade dentro dessa realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Retornados; identidade; fim do período colonial; Portugal.

---

TÍTULO DO TRABALHO: A ficção como vacina contra o racismo e a xenofobia: *Os vivos, o morto e o peixe frito*, de Ondjaki

Autor: Ana Belén García Benito (Universidad de Extremadura-España)

RESUMO:

Utilizando como ponto de partida a afirmação de Fraticelli (2001), "Lisboa es esencialmente una ciudad literaria", refúgio dos personagens criados por numerosos escritores, com biografias da cidade realizadas por diversos autores ao longo dos tempos –a cidade metáfora, de Pessoa, o desenho histórico de Lisboa, de Saramago, a Lisboa de Tabucchi, etc.–, propomos uma análise da obra *Os vivos, o morto e o peixe frito* (2014), em que o angolano Ondjaki apresenta a capital portuguesa como a cidade mais africana da Europa, decerto uma "cidade afro-europeia". No edifício das Migrações-com-fronteiras primeiro e na casa de dona Fatu posteriormente, juntam-se moçambicanos, cabo-verdianos, angolanos, são-tomenses, guineenses e portugueses numa tentativa evidente de dar voz aos africanos que vivem em Lisboa, mostrando os muitos fatores da convivalidade africana em território europeu. A cidade surge na obra como um exemplo de multi e interculturalidade, um verdadeiro espaço de convívio em que o lado humano dos personagens sobrepõe-se às suas nacionalidades, mostrando a ficção como ferramenta não apenas para mostrar a realidade, também como vacina contra o racismo e a xenofobia.

PALAVRAS-CHAVE: migrações; literatura angola; Ondjaki; *Os vivos, o morto e o peixe frito*; Lisboa

---



TÍTULO DO TRABALHO: "Os lugares da mulher imigrante na narrativa portuguesa"

Autor: María Jesús Fernández García (Universidad de Extremadura-España)

RESUMO:

Haverá uma cartografia mapeável (Tally, 2014) dos espaços que a narrativa portuguesa reserva à mulher imigrante em Portugal? Haverá uns não-lugares (Augé, 1992) mais frequentados pelas mulheres estrangeiras? A representação literária do espaço da mulher imigrante no país de acolhimento descreve um percurso por decorados periféricos, nas margens da exclusão social ou outros cenários são possíveis? (Westphal, 2007) Propomos neste trabalho uma análise dos espaços habitados pelas personagens femininas em relatos sobre a imigração em Portugal como via para compreender como é criado um determinado imaginário sobre as mulheres migrantes. Ao focalizar o espaço pretendemos identificar a sua função como estratégia narrativa que pode tanto contribuir a fixar uma dada imagem da mulher imigrante, associada a determinados locais, como a representar a interação conflituosa da personagem com o entorno. O jogo metonímico e metafórico serão estratégias fundamentais para a caracterização da identidade da mulher imigrante que pretendemos explorar em romances como *Myra* de Maria Velho da Costa, *A Sopa* de Filomena Marona Beja, *O Vento Assobiando nas Gruas* de Lídia Jorge, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: representação literária; mulher imigrante; espaço; Portugal

---

TÍTULO DO TRABALHO: "Resistência e assimilação em *O Vento Assobiando nas Gruas*"

Autor: Soraia Lima Arabi (Universidade Federal de Mato Grosso-Brasil)

RESUMO:

No romance *O vento assobiando nas gruas*, um dos temas centrais desenvolvidos pela escritora portuguesa Lídia Jorge é o da vida de migrantes cabo verdianos em processo de adaptação à terra lusitana nas décadas finais do século passado. Tal modalidade de migração encontra explicação na fuga de economias em crise, ocorrendo largamente de antigas colônias para as metrópoles, principalmente as da Europa Ocidental. A imigração, particularmente de Cabo Verde, atende a duas ordens complementares de necessidade, não há empregos ou um Estado mínimo de bem-estar social para garantir a permanência na pátria, e, em Portugal, sua atividade era necessária. Os cabo-verdianos sempre mantiveram constante fluxo de deslocamento para Portugal anteriormente ao século XX, mas, em meados do século passado, sob a égide do salazarismo, ocorreu significativo crescimento migratório incentivado pelo governo português, devido à necessidade de mão de obra. Com o desmonte do sistema colonial, novamente a imigração africana se intensificou, fosse porque diminuíram os ofícios domésticos, a burocracia estatal etc. nas antigas colônias, fosse devido à instabilidade e



à reorganização própria ao processo de independência dos países africanos. O sentido de diáspora aplica-se aqui por dupla injunção – envolver grandes contingentes humanos e resultar da fuga de precariedades políticas, sociais, econômicas, entre outras. Em Portugal, os deslocados, ainda que não sejam linguisticamente isolados, enfrentam não apenas barreiras geográficas, mas culturais. Este estudo tem como objetivo refletir sobre como Jorge ficcionaliza o processo de assimilação e de resistência cultural dos migrantes em Portugal, a partir das contribuições de Fanon, Bhabha e Hall, entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** assimilação; resistência cultural; migração cabo-verdiana; *O vento assobiando nas gruas*; Lídia Jorge.

---

**TÍTULO DO TRABALHO:** "Um refúgio para (não) chamar de seu: espaço e relações pessoais em *Uma Terra Prometida - Contos sobre Refugiados*"

**Autor:** Bruno Mazolini de Barros (Pontifícia Universidade Católica de Rio Grande do Sul-Brasil)

**RESUMO:**

Esta proposta de leitura de *Uma terra prometida: contos sobre refugiados*, prioriza, devido à natureza dos contos mas também à condição de suas personagens, a relação destas últimas com o espaço. A coletânea - composta por narrativas de diversos autores portugueses, como Afonso Cruz, Ana Margarida de Carvalho, Filomena Beja e Nuno Camarneiro - aborda refugiados políticos, refugiados econômicos e refugiados de guerra e, nesse escopo, é significativa a suadinâmica com o espaço que deixam, como a casa e o país, ou com o espaço que buscam, uma nova casa, um novo país. Além disso, e entrepermeado a isso, há destaque para as relações interpessoais, nas quais os conflitos particulares, históricos e políticos não deixam de emergir nos espaços ocupados ou transitados. Para tanto, a importância do primeiro aspecto será tratado a partir principalmente de estudos como os de Otto F. Bollnow (*O homem e o espaço*), de Gaston Bachelard (*A poética do espaço*) e de Dorren Massey (*Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*), entre outros; já o segundo, considerando abordagens como a de Julia Kristeva (*Estrangeiros para nós mesmos*) e a de Zygmunt Bauman (*Estranhos à nossa porta*), por exemplo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura portuguesa; conto contemporâneo; refugiados.